

Educomunicação e Inclusão Social: Relato da Experiência com a Comunidade Escolar Antônio Francisco Lisboa, Santa Maria, RS¹

Luísa PEIXOTO²

Mariana OLHABERRIET³

Milena BITTENCOURT⁴

Rosana ZUCOLO⁵

Universidade Franciscana, Santa Maria, RS

Resumo: Este artigo relata e reflete acerca da experiência com o projeto de extensão em comunicação comunitária junto a alunos especiais da Escola Antônio Francisco Lisboa, em Santa Maria, RS. O projeto situa-se na interface da educomunicação e apoia-se na perspectiva da pesquisa participante. Consiste na realização de oficinas que dão ênfase ao que é a comunicação e às diferentes formas de se comunicar, observando as singularidades e, deste modo, desenvolver a capacidade criativa dos alunos, além da aprendizagem por meio da realização de atividades lúdicas. Visa a produção de um informativo voltado à divulgação da escola e do trabalho desenvolvido por ela, sinalizando ser possível compartilhar valores colaborativos, de amizade, de união, de respeito às diferenças e, mais do que ensinar, aprender.

Palavras-chave: comunicação comunitária; educomunicação; portadores de deficiência física e mental; Escola Antônio Francisco Lisboa

Introdução

O projeto de extensão em comunicação comunitária em questão⁶ emergiu de uma prática coletiva caracterizada por estudos acerca da comunicação comunitária e suas interfaces, mapeamentos, visitas às comunidades e instituições públicas e organizações não-governamentais e a realização de diagnósticos através da observação participante.

No caso do presente projeto relatado, a escolha em realizá-lo junto Escola Antônio Francisco Lisboa⁷, decorre de uma observação indicial encontrada em uma notícia no jornal Diário de Santa Maria, onde se relatava os estragos provocados por um forte temporal que

¹ Trabalho apresentado no II06 – Interfaces Comunicacionais, XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFN, e-mail: luisafpeixoto1999@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFN, e-mail: mariana_o_lha@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFN, e-mail: milenacamilo2008@gmail.com

⁵ Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFN, e-mail: rosana.zucolo@gmail.com

⁶ O projeto é realizado durante um ano, como requisito das disciplinas de Projeto de Extensão em Comunicação Comunitária I e II, do curso de Jornalismo, da Universidade Franciscana.

⁷ A escola situa-se à Rua Pinto Bandeira - nº 211, no bairro Nossa Senhora das Dores, na cidade de Santa Maria, RS.

afetou a cidade no dia 19 de outubro do ano passado. A matéria destacava a Escola Antônio Francisco Lisboa em primeiro lugar na lista das 40 escolas mais afetadas da cidade. Foi o *start* para a equipe buscar mais informações sobre o local. Ao entrarmos em contato com a direção da instituição, ficamos conhecendo um pouco mais sobre o trabalho ali realizado, e constatamos a mobilização da comunidade escolar que, através de uma “vaquinha”, tentava conseguir arrecadar dinheiro para consertar os estragos.

A Escola é instituição privada e filantrópica conveniada com o poder público municipal, localizada na cidade de Santa Maria, e voltada ao atendimento de pessoas com deficiência intelectual, deficiência física, deficiência auditiva, baixa visão, deficiência múltipla, condutas típicas, autismo. Grande parte dos alunos que a integram são adultos maiores de 17 anos.

Os registros da escola indicam que ela iniciou suas atividades em 26 de junho de 1954, e era chamada Centro de Reabilitação Antônio Francisco Lisboa. Foi fundada pela pedagoga e professora Haidée C. Zorzan que a presidiu por um período de 40 anos. Foi uma das primeira iniciativas locais para o trabalho com os “excepcionais”, termo então usado para se referir às pessoas com necessidades especiais. Zorzan começou a estudar sobre o assunto e montou uma instituição que funcionava com uma equipe multidisciplinar, composta por psiquiatra, neurologista, fisioterapeuta, enfermeiro, algo considerado muito avançado para a época. Também possuía uma sala toda equipada com base no método Montessori, que visa observar e compreender a verdadeira natureza do indivíduo e, através de métodos e práticas, libertá-la. Nesse método a educação se desenvolve com base na evolução da criança, adequando os recursos a cada fase e a cada criança, individualmente. Assim, a escola oferecia a educação infantil e a sequencial. As turmas eram divididas por idades e por deficiência. E, ainda nessa época, não havia alunos com deficiência auditiva, mas existiam alunos com deficiência visual que tinham aula com uma professora também portadora de deficiência visual. A turma aprendeu o sistema de escrita tátil, e possuía todos os recursos para datilografar materiais em braille.

A escola destaca-se por ter sido uma das primeiras instituições de Educação Especial do Rio Grande do Sul. Atualmente quem a dirige é a professora Sônia Gentile, sendo considerada uma escola original em suas características. Com infraestrutura mediana, atende, em média, um número de 150 alunos, sempre se adaptando às novas modalidades da educação especial. As atividades acontecem nos turnos da manhã e tarde, sendo 17 pessoas, entre professores e funcionários, que atendem os estudantes. As salas são organizadas com cerca de 12 a 15 alunos para cada professor, e os educandos recebem atendimento educacional, de

alfabetização, educação profissional, clínico-terapêutico, pediatria, psiquiatria, fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, odontologia e serviço social.

O espaço físico da Antônio Lisboa conta com todas as dependências acessíveis aos portadores de quaisquer deficiências. Possui várias salas de aula, salas para realização das oficinas, um auditório, um refeitório, uma biblioteca, e um laboratório de informática. Fornece alimentação e oficinas de artesanato, alfabetização, reciclagem, pintura, música, terapia com animais, atividades lúdicas e aulas da Educação Especial.

Em tal contexto, decidimos desenvolver o projeto na escola e sabíamos ter grandes desafios mas, ao mesmo tempo, estaríamos envolvidas num processo colaborativo com pessoas que precisavam de muito apoio. Tínhamos a total consciência de que portadores de qualquer tipo de deficiência sofrem preconceitos e, muitas vezes, são excluídos ou esquecidos apesar dos avanços conquistados no âmbito social. Assim, a iniciativa deste projeto foi motivado pela possibilidade de demonstrar que eles podem, sim, fazer suas atividades e serem tratados com igualdade. Logo, a primeira questão a ser esclarecida tanto para a instituição quanto para nós mesmas, era sobre o nosso papel como futuras jornalistas e o retorno que daríamos à sociedade, ainda neste período como acadêmicas. Tratava-se de refletir sobre a trajetória que estamos trilhando para que futuramente conseguíssemos fazer a diferença, algo muito falado em sala de aula (o que nos inspira a procurar realizar projetos como este) e pouco abordado pelas mídias. Vale ressaltar que a mídia do futuro somos nós e as mudanças do que veremos mais adiante só acontecerá se iniciadas agora.

Escolher esta escola para trabalhar as diferentes formas da comunicação significou sair do comodismo, conhecer uma realidade nova e, mais do que isso, ser desafiadas pela vida e pela rotina dos alunos da Escola Antônio Francisco Lisboa.

A Educomunicação como interface

Sempre se discutiu a proximidade entre educação e comunicação. SFEZ (1991, pág. 8) já afirmava que embora categorias distintas, ambas sofreram uma “curiosa e grande convergência”. Não apenas entre si, mas também na sua relação com todas as áreas do conhecimento e distintas formas de formas de expressão. A ampliação dessa interface fez emergir um novo campo, interdisciplinar e interdiscursivo - a educomunicação. Soares diz que a educomunicação pressupõe a utilização de práticas comunicativas em estruturas educadoras formais ou informais. Trata-se do

(...) conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. (SOARES, 2002, p. 24).

Para Kenski (2008), reunida à comunicação, a educação é solicitada para invadir todos os campos. Não isolada e ciosa de seus limites de formação e instrução, mas mediada, realizando na prática as interconexões e hibridismo que as potencializam e tornam tênues suas fronteiras. Assim, pode-se dizer que a discussão em torno da educomunicação enquanto novo campo teórico-prático remete ao fato dela se dar na interface de dois outros campos, o da educação e o da comunicação, numa ambiência que se transforma muito rapidamente. A mídia, não só como fornecedora de informações, mas também como dispositivo de produção, está cada vez mais presente no âmbito educacional. À medida em que esses dois campos se unem e se completam, mostram novas possibilidades de aprendizado e participação. O uso de dispositivos midiáticos permitem modos de conhecimento mais dinâmicos e rápidos, em que os alunos absorvem as informações de um modo mais lúdico e interativo.

Quando neste cenário estão envolvidos alunos portadores de necessidades especiais, a interação mediada pelo uso dos dispositivos midiáticos torna-se ainda mais importante, uma vez que os estímulos às novas descobertas de aprendizado são extremamente necessários ao seu desenvolvimento social. Tal interação representa, para os portadores de deficiência, um processo de participação, seja individualmente, ou no grande grupo, observando suas individualidades e singularidades. Cabe ressaltar que a integração de pessoas com necessidades especiais no âmbito escolar torna-se cada vez mais relevante para o desenvolvimento psicossocial do indivíduo. Conviver com pessoas diferentes, além da família, traz contribuições de aprendizado, novas formas de convivência e novas perspectivas de conhecimentos. Nesse sentido, recorre-se a Silva (2005) ao afirmar o lugar da educomunicação como o do incentivo de condutas de aprendizagem pela comunicação e educação necessárias a essas pessoas, para a promoção da autoestima e a inclusão social. No caso específico da educação especial, Kantorski et al (2011) afirmam que atividades como oficinas terapêuticas, atividades físicas e esportivas, lazer e grupos são recursos fundamentais no atendimento do portador de transtorno mental, uma vez que este necessita de cuidados terapêuticos que vão além da doença e que englobam as

relações interpessoais na comunidade e território em que está inserido. Assim, conforme Silva (2005),

A prática da educomunicação pode acontecer com a colaboração de educadores e dos próprios colegas dos portadores de necessidades especiais, cada qual pode ajudar suprindo as dificuldades do outro. Uma turma pode fazer um jornal em Braille, com impressora para tal ou pode elaborar um teatro mudo, assim como pode aprender Libras. A superação dessas dificuldades torna a aprendizagem uma diversão e instiga a curiosidade dos indivíduos, independente de suas dificuldades. (SILVA, 2005, p.6)

Trabalhar na perspectiva da educomunicação com pessoas portadoras de deficiência integra as áreas de comunicação, pedagogia e também saúde. Ao unir esses profissionais e também a sociedade, o processo de inclusão social e esclarecimento oportuniza um novo tratamento. Tal reunião faz parte da realidade encontrada na Escola Francisco Lisboa.

Oficinas e inclusão no desenvolvimento pedagógico

As oficinas realizadas na escola ajudam os alunos a desenvolver suas funções cognitivas, bem como, na interação e no convívio com os colegas. Com base em Pádua e Morais (2010) é possível situar diversas modalidades de oficinas terapêuticas: oficinas expressivas, oficinas geradoras de renda e oficinas de alfabetização.

As oficinas expressivas são espaços em que os usuários trabalham com a expressão plástica, como a pintura, por exemplo; a expressão corporal como a dança; a expressão verbal, como poesia, contos etc.; a expressão musical, a fotografia, e o teatro. As oficinas geradoras de renda são para o sustento ou para complementação de renda daqueles que possuem intenso sofrimento psíquico, através da aprendizagem de alguma atividade específica. Podem ser de culinária, marcenaria, artesanato em geral, fabricação de velas, vendas etc. Assim, essas oficinas são importantes formas de promoção de autonomia e de reinserção social do sujeito. As oficinas de alfabetização são, para aqueles que não tiveram acesso à educação alfabetizadora ou não continuaram os estudos, aprenderem a escrita e a leitura e, dessa forma (re)constituírem sua cidadania (BRASIL, 2004). (PÁDUA&MORAIS, 2010, pág 464)

As pesquisadoras salientam que comunicação não precisa ser necessariamente através da linguagem verbal. Experimentações no campo da arte também permitem a expressão de vivências e de sensações singulares e tornam essas produções artísticas em forma de linguagem. Mendonça (2005, p.628) comenta que “as atividades de oficinas em saúde mental passam a ser

vistas como instrumentos de enriquecimento dos sujeitos, de valorização de expressão, de descoberta e ampliação de possibilidades”.

De acordo com Teixeira (2012 p. 3) as oficinas ocupam um lugar privilegiado no desenvolvimento do ser humano em todas as áreas, e oferece-lhe a oportunidade de manipular diretamente os materiais de comunicação e expressão, refletindo toda a problemática relacionada com o ensino através da arte. Trabalhar no plano da criatividade e da arte, no domínio das expressões e no desenvolvimento integral dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), permite atuar positivamente no desenvolvimento cognitivo, comportamental, motor, afetivo, social e cultural destes alunos.

Diante disso, cabe referir Carneiro (2007, p.18) que, em outro contexto, alerta: “a escola deve assumir o papel de possibilitar ações que favoreçam interações sociais promotoras de aprendizagem, definindo em seu currículo uma opção por práticas heterogêneas e inclusivas”. E é nessa perspectiva que Baptista (2002, p.163) reflete o termo educação inclusiva como “uma nova definição para a educação especial, pois inova a visão da escola, exige uma articulação dos professores proporcionando mudanças em todo âmbito escolar”. Portanto, uma escola sem exclusão reconhece a diversidade dos alunos, faz a sala de aula ser um ambiente de convivência e aprendizado, constrói uma cultura comum a todos os alunos⁸.

Escolhas, justificativas e considerações metodológicas

Como já mencionado anteriormente, já aguardávamos por desafios e mudanças durante o percurso do trabalho junto à Escola Antônio Francisco Lisboa. Afinal, a ideia do que se projeta dentro da sala de aula na universidade, se mostra bem diferente da realidade. Desenvolver atividades para adultos com distintas necessidades é desafiador e, ao mesmo, tempo gratificante. Se tudo o que é novo assusta, é através de pequenas ideias que grandes projetos são criados e desenvolvidos.

A Escola Francisco Lisboa conta com diferentes oficinas como: música e reciclagem, os alunos aprendem muito a cada atividade e os professores têm o maior cuidado ao desenvolvê-las, já que cada um tem sua limitação. O mais importante é a observação, conhecer os alunos e estar pronto para adaptações. Ao propor as atividades, por muitas vezes não sabíamos por onde

⁸ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 o Brasil possuía 45,6 milhões de pessoas com deficiência. Dos cerca de 190 milhões de brasileiros, aqueles com pelo menos uma deficiência, seja visual, auditiva, motora ou mental, somam 23,9%. Estes dados são importantes para a percepção de que o trabalho com as pessoas portadoras de deficiência, não deve ser negligenciado.

começar. Entendendo o nosso lado e sempre sendo muito solícitas, a direção e professores sempre nos deram suporte para que o trabalho pudesse ser realizado da melhor maneira. A troca de experiências é outro fator muito importante, além da liberdade que nos era dada para que pudéssemos expor nossas ideias e realizar atividades. Nos apoiamos em Fontana (2009, p.80) para quem é importante refletir continuamente sobre os aspectos trabalhados durante as oficinas para que “processo e produto sejam avaliados sempre e não só na etapa final (...) buscando sempre pensar ações compatíveis com os contextos reais da comunidade educacional”.

Um dos maiores desafios quando falamos de projetos como esse é o apoio da comunidade para além da escola. A escola passa por um momento difícil, que iniciou com um temporal no ano de 2017, como já mencionado. O fato é que até hoje a escola tenta se recuperar e, depois, no início de 2018, houve o corte do transporte escolar, responsabilidade do poder público em trazer boa parte dos jovens. Assim, muitas das oficinas da escola são desenvolvidas por universitários de diversos cursos como Educação Física, Jornalismo, Pedagogia, Psicologia, entre outros. Todas essas áreas contribuem e acrescentam algo de novo na vida dos alunos.

Destacamos, no caso das oficinas acima descritas, que o envolvimento com mudanças constitui tarefa não só dos professores que fizeram as oficinas, mas da instituição educacional como um todo. É preciso que a escola se empenhe nesse processo, apoiando, dando condições de tempo e de espaço para que as questões de ensino se desenvolvam com eficácia.

A estratégia de interação no primeiro momento foi a aproximação com os alunos, por meio de conversas e observando o jeito de cada um. A partir de visitas semanais buscamos conhecer as turmas, professoras e cada aluno. Fizemos uma roda de conversa para cada um se apresentar, falar o nome e contar um pouco de sua história, e, assim estabelecer uma relação mais próxima com eles. O motivo que nos fez escolher uma metodologia voltada para a educação especial é o de que, mais do que trabalhar com pessoas com necessidades especiais, é possível destacá-los e mostrar ao restante da sociedade seu valor e importância.

Na primeira visita, conversamos com a diretora Sônia e retomamos a explicação do projeto que gostaríamos de desenvolver. Visitamos as três turmas: de artesanato, de convivência dos autistas, e de artesanato com materiais recicláveis. A escola ainda estava se adaptando à falta de transporte público, portanto, muitos alunos não estavam conseguindo frequentar as aulas e as turmas estavam incompletas. O problema da falta de transporte ainda persiste.

Nos outros encontros, procuramos nos adaptar à rotina dos alunos, e propor atividades que fossem acessíveis a eles. As oficinas aconteciam uma vez na semana, no horário da tarde.

Trabalhamos com uma média de 12 alunos, todos da turma de artesanato com materiais recicláveis. Ao todo, foram realizados 13 encontros. Desenvolvemos oficinas de dança, educação física, jogos de vôlei, elaboração de marca páginas utilizando colagens e desenhos de meios de comunicação, acompanhamento das aulas e ajuda nas atividades desenvolvidas por eles. No entanto, nosso foco foi a realização de atividades voltadas ao contexto da mídia. Assim, propomos utilizar materiais recicláveis para reproduzir os meios de comunicação. Quando solicitamos a eles que trouxessem caixas de sapatos para a confecção das maquetes nos surpreendemos, pois, todos os alunos levaram as caixas. Ao mesmo tempo, estavam muito felizes e animados quando nos viram, falando que estavam ansiosos pela nossa chegada. Nesse dia, haviam 10 alunos na aula, e todos participaram da atividade. Questionamos a eles se sabiam o que eram os meios de comunicação. prontamente responderam que sim e foram contando quais conheciam. Explicamos então, sobre o curso de jornalismo, os meios de comunicação que estudamos e a sua importância. Logo em seguida, mostramos aos alunos fotos de rádios, notebooks, microfones, televisões, câmeras, feitos de materiais recicláveis. Deixamos livre para que eles escolhessem qual queriam fazer. Juntamente com a professora, demos todo auxílio aos alunos para que pudessem realizar a atividade. No final, todos conseguiram fazer algum meio de comunicação utilizando material reciclável.

Ao propormos atividades para os alunos, buscamos explicar um pouco sobre a comunicação e as diferentes formas de se comunicar para, a partir disso, desenvolver a sua capacidade de criatividade sob a perspectiva da realização de atividades lúdicas.

Nosso objetivo, desde o início, foi a elaboração de uma revista que visasse a divulgação da escola, mostrando o trabalho realizado por ela, as atividades desenvolvidas pelos alunos e a importância no desenvolvimento dos mesmos. Devido à falta de recursos, e o alto custo para produzir uma revista, optamos pela elaboração de um informativo impresso que atendesse a demanda da comunidade escolar.

A opção por produzir um informativo deve-se ao fato de ser um dispositivo que mais se aproxima da realidade dos alunos envolvidos no processo, pois a maioria não tem acesso aos produtos audiovisuais e/ou digitais. A materialidade do informativo impresso permite outro nível de interação. Os alunos podem guardá-lo, levar para qualquer lugar, mostrar para as pessoas. É uma forma de documentar suas histórias e relatos, ser acessado e manuseado a qualquer momento, sem precisar de algum dispositivo móvel, como celular ou computador. Ao mesmo tempo, a possibilidade de usar várias cores, o torna mais atrativo, principalmente para

os alunos que são bastante influenciados pelo estímulo visual. Outro fator determinante é que esse material possui vida útil longa e tem grande capacidade de circulação, ou seja, dificilmente são lidas por apenas uma pessoa e pode ser lido em dois dias, três meses ou em um ano, por exemplo. E considerando a realidade da escola, é um instrumento facilitador da sua divulgação, um dos nossos objetivos ao desenvolver o projeto, isto é, propiciar a visibilidade da escola e o trabalho realizado pelos alunos.

Assim, durante todos os encontros, fotografamos os alunos e os trabalhos elaborados pelas turmas de artesanato e artesanato com materiais recicláveis, como blocos de anotações feitos com filtros de café, caixas organizadoras, panos de prato pintado pelos alunos, cestas de palha, chaveiros. O material obtido foi utilizado na elaboração do produto final. Os alunos agiram com naturalidade ao serem fotografados, e também com curiosidade, pois a maioria nunca havia visto uma câmera fotográfica. Entrevistamos a diretora da escola, Sônia Gentile, a professora Eligiane Vaz, ministrante da disciplina de artesanato com materiais recicláveis, turma onde foram desenvolvidas as atividades, além da entrevista com três alunos da escola. Entramos em contato com diferentes gráficas para obter orçamento de gastos e o trabalho de diagramação foi desenvolvido nos laboratórios da universidade. Uma vez impresso, o informativo denominado “as diferentes formas de se comunicar”, foi distribuído na comunidade escolar, para professores, alunos, pais de alunos. Também houve entrega dos informativos no bairro onde a escola está situada, e para alunos da Universidade Franciscana. Após a diagramação do material, que foi elaborada em uma semana, e, posteriormente a impressão, reservamos três dias para distribuição do mesmo. A entrega foi realizada pessoalmente para cada pessoa.

Interações face-a-face e a emergência dos afetos

Na Escola Antônio Francisco Lisboa, enquanto eram desenvolvidas as atividades com os alunos, parávamos para pensar o quanto estávamos atrasadas no tocante às demandas do projeto. Sim, as pessoas julgadas “normais” pela sociedade, pensam sempre estar, de alguma forma, à frente de pessoas que têm algum tipo de deficiência. No entanto, percebemos estar num outro tempo. Nos olhos de cada um dos alunos envolvidos nas atividades das oficinas havia amor e dedicação por desempenhar aquela função; uma tarefa que para muitas pessoas parece simples, mas que para estes alunos é muito mais do que uma aula oferecida pela escola, muito mais do que a transformação de materiais recicláveis. As tarefas são sinônimo de

autoestima, de realização pessoal por vivenciarem a capacidade de ultrapassar limitações, sejam elas quais forem.

Quando conversamos com os alunos durante os encontros foi possível sentir troca e reciprocidade por parte deles. O interesse em querer estar sempre perto, querer mostrar sua rotina, contar histórias e deixar visível sua saudade pelos colegas e amigos que, devido à falta de transporte - cedido pela prefeitura da cidade-, não conseguem comparecer às aulas.

O trabalho realizado pela escola mostra não só a preocupação com os adultos deficientes, mas também com a necessidade de envolver a sociedade local como um todo. As atividades com materiais recicláveis são uma estratégia que tenta dar conta dessa busca por aproximação. Todo o material produzido pelos alunos, depois de pronto é vendido na escola. Uma maneira de trazer renda, ajudando nos custos e nas necessidades dos alunos.

Também quando falamos de meio ambiente, cuidado com a natureza, é o mesmo que falar em mobilização, trabalho em conjunto. Forma essa muito explorada pelos professores que sempre destacam a importância da relação entre eles. Essa troca de experiências colaborativas, contato e ajuda uns aos outros, são características chave quando se fala das “obras primas” que são feitas com os materiais reciclados pelos alunos. Conseguimos ligar com facilidade o trabalho dentro de uma comunidade, junto com meio ambiente, reciclagem, acessibilidade e educação, fonte de vida, esperança e dias melhores para uma sociedade mais humanizada e consciente.

Outro ponto que destacamos é que em nenhum momento quisemos deixar a visão de que projetos como esse são perfeitos ou sem dificuldades. O projeto sempre foi desempenhado de forma muito consciente e realista. Procuramos mostrar a rotina de alunos que lutam e desempenham suas funções como qualquer pessoa, que merecem nosso respeito, nosso olhar e principalmente visibilidade. Projetos assim devem ser ressaltados em trabalhos acadêmicos sempre que possível, pois é através deles que vamos chegar perante à sociedade com propostas transformadoras num contexto geral, sem excluir nenhuma pessoa pela sua condição física ou qual for sua limitação.

Considerações finais

Muitas questões foram suscitadas durante o percurso deste projeto. Trazemos algumas delas como parte de um processo que se cumpre como prazo, mas cuja continuidade é permanente. Pensar este trabalho na perspectiva da educomunicação é indissociá-lo da tecnologia, de seus avanços e da maneira como ela contribui no dia a dia de jovens com os da

Escola Antônio Francisco Lisboa. Sabemos que o acesso a essas novas ferramentas de ensino, como computadores e *tablets*, são privilégios para poucas unidades de ensino. No caso de uma escola que atende pessoas com necessidades especiais, não é diferente. Conforme se desenvolviam as atividades, ficava claro o esforço dos professores para realizar trabalhos que realmente contribuíssem com a necessidade de cada um, potencializando a sua função motora e psicológica. Impossível não questionarmos o porquê de pessoas com necessidades especiais não terem acesso às TICs, essa nova plataforma das Tecnologias da Informação e Comunicação. Seria por falta de preparo dos professores? Por negligência dos responsáveis pelo poder público e pelas políticas públicas de educação? Pela pressuposição de que estes alunos são incapazes de utilizá-las? As perguntas são muitas e não caberia aqui respondê-las. Entretanto, se essa questão não fosse problematizada, uma vez que, somos acadêmicas de um curso que tem contato direto com essas tecnologias, estaríamos distantes do nexo entre a educação e a comunicação. Como já dito, a importância de apresentar o mundo digital a jovens e adultos portadores de alguma deficiência ou não, é essencial. Os benefícios são diversos. Melhora a comunicação, interação, criatividade e a auto estima que proporciona aos alunos... Para nós, o uso das TICs é parte da nossa rotina, mas para eles tem um valor muito maior. Sabemos que a tecnologia isoladamente não é inovação, porque está ligada às metodologias e modos de interação pedagógicas capazes de potencializar a aprendizagem e o desenvolvimento. Como diz Moran (2007,p.11) a inovação implica, a formação de cidadãos “autônomos, críticos, interdependentes e pró-sociais” Para ele, inovação se relaciona à forma de organização da escola e “como ela e o professor interagem com todos e com cada um, para que estejam presentes,(...)participem no contexto educativo e (...)tenham êxito no seu percurso de aprendizagem, independentemente de suas (d)eficiências, (in)capacidades ou (des)vantagens. (MORAN, idibid)

Acreditamos ser este um desafio ao qual o sistema educacional deve responder com soluções pontuais. Concordando com Sartori (2010, pág.42) em outro contexto, pensamos que “se o papel dos meios de comunicação é traçar políticas culturais em que as comunidades e culturas locais possam ter seus relatos reconhecidos pela produção audiovisual; o do sistema educacional é transformar a relação da escola com as linguagens, escrituras informacionais e as novas sensibilidades configuradas”.

No tocante às percepções acerca do processo interacional interpessoal, as atividades desenvolvidas na escola, de acordo com o relato dos alunos, foram de extrema importância e

aprendizado para eles. Mas, principalmente, o que queremos destacar é a troca de ensinamentos. Em nenhum momento os tratamos com pena ou vitimismo, mas, sim, com igualdade, acreditando na capacidade que cada um tem, explorando o seu melhor.

O contato com a comunidade nos propiciou uma visão de mundo completamente diferente daquela à qual estávamos acostumadas. Saímos da nossa zona de conforto e, mesmo sem nenhuma experiência, nos propomos a dar nosso melhor. Concluimos o projeto com uma certeza. A primeira atitude a ser tomada é abordar assuntos como este. Essas discussões sempre são pertinentes e essenciais. Não se pode deixar cair no esquecimento. A igualdade e a educação são as ferramentas-chave para a mudança de um país.

Com a elaboração do projeto, pudemos colocar em prática tantos dos ensinamentos que são diariamente repassados por nossos professores, como a busca por um jornalismo mais humanitário e sensível, que enxergue o próximo. E mais que isso, faça algo que irá agregar na vida do próximo. O que tentamos fazer com este trabalho é apenas o começo do que ainda pode ser feito. Muitas ações e debates podem ser realizados a partir disso. Ideias como essa, que é desenvolvida na Escola Antônio Francisco Lisboa, devem ser divulgadas e reconhecidas. Esperamos que os alunos da Escola colham por muito tempo os frutos desta iniciativa.

Referências bibliográficas

BAPTISTA, C. **Educação Inclusiva**. Ponto de Vista, Florianópolis, v. 1, n. 3/4. P.161-172, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial**. 2004.

CARNEIRO, Maria Sylvia Cardoso. **Deficiência mental como produção social: uma discussão a partir de histórias de vidas de adultos com síndrome de Down**. Tese de Doutorado em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

ELEÁ, I. **Um Panorama da Mídia-Educação no Brasil, Portugal e Espanha**. Revista Agentes e Vozes. 2014.

FONTANA, Niura Maria. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência**. v. 14, n. 2, maio/ago. p 86.2009.

GALVÃO, Teófilo Alves e DAMASCENO, Luciana Lopes. **As novas tecnologias como tecnologia assistiva: utilizando os recursos de acessibilidade na educação especial**. III congresso ibero-americano de informática na educação especial – ciiee 2002.

GLAT, Rosana. **Integração dos portadores de deficiência: uma questão psicossocial**. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 89-94, agosto/1995.

KANTORSKI, Luciane Prado; COIMBRA, Valéria Cristina Christello; DEMARCO, Daiane de Aquino; ESLABÃO, Adriane Domingues; NUNES, Cristiane Kenes; GUEDES, Ariane da Cruz. **A**

importância das atividades de suporte terapêutico para o cuidado em um Centro de Atenção. Rev. enferm. saúde, Pelotas (RS) 2011 jan-mar;1(1):4-13.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e comunicação: interconexões e convergências.** Educação & Sociedade. Outubro/2008.

MENDONÇA, Teresa Cristina Paulino de. **As Oficinas na Saúde Mental: Relato de uma Experiência na Internação.** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Psicologia ciência e profissão, 2005, 25 (4), 626-635.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T. e BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** Papirus Editora, 13ª edição, 2007.

PÁDUA, Flávia Helena Passos e MORAIS, Maria de Lima Salum. **Oficinas expressivas: uma inclusão de singularidades.** Psicologia USP. Junho 2010.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli e FONTANA Niura Maria. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência.** Conjectura, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/agosto 2009.

SARTORI, Ademilde Silveira. **Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída.** Comunicação, mídia e consumo - São Paulo, vol. 7 n. 19 p. 33-48 jul. 2010.

SFEZ, L. **A comunicação.** Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

SILVA, Elza Cristina Gomes. **Educomunicação para pessoas com deficiência: uma experiência com boletim impresso.** Faculdade de Minas - FAMINAS, 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação.** Comunicação e educação revista do departamento de comunicações e artes da ECA/ USP. jul/dez 2014.

TEIXEIRA, Elisabete De Belém Guedes. **Importância das Oficinas.** 2012. 113 p. Dissertação de mestrado (Ciências da Educação) - Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, 2012.